EXPONDO À LUZ AS CRÍTICAS CONTRA A IDEIA JUCHE

2021

APRESENTAÇÃO

A ideia Juche, ideologia guia do socialismo na República Popular Democrática da Coreia (RPDC), foi e é alvo de muitas críticas não apenas por parte dos veículos midiáticos burgueses, do qual já se espera esses tipos de conteúdos, mas também de muitos progressistas e ditos comunistas. Destacam-se entre os segundos, em especial, hoxhaistas e maoistas, os que defendem Enver Hoxha como grande exemplo de defesa e aplicação do marxismo-leninismo contra o revisionismo e os que seguem o "marxismo-leninismo-maoismo", ideia sintetizada por Abimael Guzmán, líder do Sendero Luminoso, do Peru, como "terceira e superior etapa do marxismo-leninismo".

É bem sabido que entre os seguidores de ambas as linhas há muito atrito, tal como entre os principais líderes dos dois lados. No entanto, quando o assunto é a ideia Juche e o socialismo na Coreia como um todo, ambos embarcam numa frenesi comum de críticas, na maioria das vezes, frívolas. Em uma tentativa de provar a "pureza" e a "superioridade" de tal e qual ideia, lançam-se a ataques contra o país que, por vezes, chegam a se assimilar e até mesmo aderir ao veiculado pela mídia a serviço do capital e do imperialismo, o que é, de fato, algo para se espantar, vindo de comunistas.

Diante disso, este artigo surge com a intenção de colocar sob a luz as críticas levantadas contra a referida ideia e o socialismo coreano a fim de dar um esclarecimento e uma conclusão razoáveis do que de verdade há nelas.

A IDEIA JUCHE E O MARXISMO-LENINISMO

A grande maioria das críticas contra a ideia Juche nascem de uma compreensão equivocada de sua relação com o marxismo-leninismo. Portanto, é preciso esclarecer devidamente qual é a relação entre as duas ideias antes de partir para críticas mais específicas.

O marxismo-leninismo foi onde o Presidente Kim Il Sung, primeiro líder da revolução coreana, encontrou a ideológica para guiá-la, durante seus estudos na Manchúria. Com a bagagem revolucionária legada por seu pai, Kim Hyong Jik, dirigente independentista coreano, ele chegou a ver nesta ideia a luz para alcançar a libertação e, assim, tomou-a por diretriz em suas atividades. Nas páginas 231-232 de suas memórias *No Transcurso do Século*, ele disse:

"Na etapa da escola secundária, li passando noites em claro [...]

Tratei de encontrar respostas para as questões de como expulsar o imperialismo japonês e reconquistar o país, e com que métodos eliminar a desigualdade social e oferecer uma vida feliz ao povo trabalhador. [...]

Neste curso, começou a se formar minha atitude de fazer do marxismo-leninismo uma arma da prática, e não um dogma, e de encontrar a régua da verdade sempre na prática concreta da revolução coreana, e não na teoria abstrata. Li todas as obras clássicas do marxismo-leninismo e suas explicações que caíram em minhas mãos, entre outras o 'Manifesto Comunista', 'O Capital', 'O Estado e a revolução' e 'Trabalho assalariado e capital'."

Na página 245 do mesmo livro, ele diz o seguinte:

"Em Jilin vivi durante mais de três anos. Este foi, de fato, um lugar que me deixou uma memória indelével para toda a minha vida.

Lá cheguei a conhecer o marxismo-leninismo, como teoria científica e, com sua ajuda, compreendi mais profundamente as verdades práticas para a independência da Coreia e a felicidade do povo."

Conforme vemos através dessas passagens, se Kim Il Sung estudou o marxismo-leninismo e o tomou por seu guia na revolução, onde, então, entra a ideia Juche nesse processo? Nesse período, o que viria a ser chamado de "ideia Juche" ainda estava em uma fase embrionária. No processo revolucionário coreano, Kim Il Sung se confrontou com muitos problemas envolvendo a aplicação do marxismo-leninismo, desde algumas limitações a tentativas obstinadas de certos elementos de interpretá-lo dogmaticamente, fechando os olhos para a realidade concreta e as demandas da revolução coreana. Diante disso, Kim Il Sung adere à firme atitude de interpretá-lo e aplicá-lo não como uma receita completa, mas de modo criativo, bem atento à realidade concreta, não hesitando em dar novas respostas quando o marxismo-leninismo não pudesse fazê-lo, e com uma posição independente, pensando e resolvendo tudo a partir de uma visão própria, com os pés bem firmados na realidade, não tratando de buscar as respostas apenas nas experiências alheias e confiando na força e sabedoria das massas coreanas. Como é natural, ao longo do processo revolucionário, o pensamento revolucionário do Líder foi se desenvolvendo simultaneamente, à medida que novas questões e demandas para impulsionar o avanço da revolução se apresentavam.

O nascimento da ideia Juche é ligado à Conferência de Quadros da União da Juventude Comunista e da União da Juventude Anti-imperialista realizada em Kalun, na China, onde Kim Il Sung apresenta o histórico informe *O caminho a seguir pela revolução coreana*. Neste informe são expostas as ideias centrais e mais fundamentais da ideia Juche, de que as massas populares são as encarregadas da revolução e que é nelas que reside a força para impulsioná-la e que, portanto, há que adentrar no seu meio para educá-las e mobilizá-las e conduzir a revolução vendo nelas a fonte inesgotável de força. Falar disso hoje pode parecer algo simplório ou até óbvio, mas ao conhecer o contexto em que se encontrava o movimento revolucionário coreano naquela época pode-se saber qual era a importância dessas afirmações. Entre os que lutavam pela libertação coreana haviam os independentistas e ditos comunistas. Alguns achavam que podiam alcançar a independência através de petições a potências enquanto outros limitavam-se a rixas sectárias, sem nenhum compromisso com as massas. Em ambos os aspectos, os dois lados coincidiam muito,

principalmente no último. Entre os dirigentes do Partido Comunista da Coreia, fundado em 1925 e dissolvido 1928, havia uma terrível atitude de depender de forças externas, mais especificamente, da União Soviética. Fechavam-se em escritórios apenas aguardando diretrizes da Internacional e, dessa maneira, achavam que estavam liderando a revolução coreana. No entanto, como já foi especificado, não chegaram muito longe. Foi observando essas tendências altamente nocivas que Kim Il Sung sintetizou, no referido informe, que é preciso estar no meio das massas, educá-las, mobilizá-las e confiar apenas em suas forças, vendo nelas as donas da revolução, não abrigando a ilusão de que tal ou qual potência estrangeira concederá a sua emancipação ou poderia dar os caminhos para alcançá-la.

Nessa ocasião, ele disse:

"Os donos da luta revolucionária são as massas populares, e somente quando são organizadas e mobilizadas é possível vencer na luta revolucionária. Portanto, os líderes do movimento devem ir no meio das massas e despertá-las para que elas mesmas empreendam a luta revolucionária como suas donas. Mas os autodenominados líderes do movimento comunista meramente se entregaram a uma guerra de palavras prejudiciais à revolução e não pensaram em despertar as massas e mobilizá-las para a luta revolucionária."

[…]

"A experiência mostra que, para levar a revolução à vitória, é preciso ir ao meio das massas e organizá-las e resolver todos os problemas surgidos no curso da revolução, independentemente de sua própria responsabilidade, de acordo com as condições reais, em vez de depender nos outros.

Baseando-nos nesta lição, consideramos como mais importante assumir o firme ponto de vista firme de que o dono da revolução coreana é o povo coreano e que a revolução coreana deve, por todos os meios, ser levada a cabo pelo próprio povo coreano de uma forma adequada às condições reais do país."

Ao esclarecer isso, Kim Il Sung iluminou o rumo correto para a revolução coreana, evitando os erros, que são realmente fatais, cometidos pelos outros comunistas e possibilitando conduzi-la com acerto.

As ideias expostas no informe são o elemento mais básico – a semente – do que no futuro viria a ser formulado como ideia Juche, que até então não existia propriamente, mas, como foi dito, estava em uma fase embrionária, crescendo e se desenvolvendo à medida que avançava a revolução coreana.

Naturalmente, no transcurso desse longo processo, a ideia Juche chegou a ocupar uma posição diferente da do marxismo-leninismo, por ter, com base no posterior esclarecimento filosófico de que o homem é dono de tudo e decide tudo, por contar com seus 3 atributos essenciais – a independência, a criatividade e a consciência – formados e desenvolvidos socialmente, dado novas respostas para problemas da revolução, novos aportes e caminhos mais precisos para as massas. Entretanto, esse desenvolvimento só foi possível por contar com a bagagem teórico-ideológica do marxismo-leninismo, que serviu-lhe como um trampolim. Sem os aportes e méritos inestimáveis do marxismo-leninismo, seria impossível que ela existisse. Contudo, é um equívoco dizer que ela é a simples aplicação dele às peculiaridades coreanas e também que ela o nega ou o contradiz. As duas ideias refletem épocas históricas diferentes e, portanto, tiveram desenvolvimentos distintos, encararam questões diferentes. A ideia Juche traz novas abordagens, métodos e esclarecimentos que o marxismo-leninismo não pôde esclarecer devido a suas limitações históricas, temporais.

Ao se referir à originalidade da ideia Juche, alguns insistem em dizer que ela nega o marxismo-leninismo, que nega a luta de classes, o materialismo dialético e até mesmo que é idealista. Pelo pouco que já fora exposto, pode-se ter uma noção de que isso não encontra qualquer base na realidade, tendo sido o marxismo-leninismo a precedente e o trampolim para o surgimento da ideia Juche, o que significa, precisamente, aderir ao materialismo-dialético, rechaçando o idealismo e a metafísica, e, por conseguinte, reconhecer a luta de classes, as contradições etc.

Vejamos isso em mais detalhes.

Vamos tomar como referência o artigo Coreia do Norte: Socialismo não é apenas anti-imperialismo, que já inicia fazendo uma grande confusão entre conceitos. Como foi explicado, a maioria das críticas contra a ideia Juche nasce da má compreensão de sua relação com o marxismo-leninismo, e é exatamente dessa maneira que o artigo inicia. Como a relação entre as duas ideias já foi brevemente esclarecido, não será necessário tornar a repetir. O autor do texto problematiza a remoção do marxismo-leninismo como ideologia oficial da constituição coreana. Tomar isso como um critério para determinar que tal ideia é uma negação ou contradição daquela é realmente uma fácil indução ao erro. A ideia Juche passou por um longo processo de desenvolvimento, desde a tomada do marxismo-leninismo como guia para a prática, conforme esclarecido no início, aplicando-o criativamente à realidade coreana, até alcançar o seu próprio desenvolvimento independente, tomando aquele como trampolim. Ela não se limitou apenas a interpretá-lo e aplicá-lo criativamente, mas a analisar as suas pontuais insuficiências e fornecer novas respostas. É lógico que o marxismo-leninismo não pôde fornecer respostas a todos os problemas, o tempo histórico e as condições concretas tornam isso impossível. Há limitações que, por estas razões, só os seus sucessores poderiam resolver. Vamos entrar melhor nisso depois.

O artigo, então, faz uma confusão entre "comunismo" e "Kimilsungismo-Kimjongilismo", como se o segundo fosse uma substituição do primeiro. Mas isso não tem o menor sentido. O Kimilsungismo-Kimjongilismo é a diretriz para as atividades, o constante fortalecimento e a transformação do Partido, Estado e povo coreanos, é o sistema integral da ideia, teoria e método do Juche, ou seja, tem ela como sua quintessência. Foi primeiro formulado por Kim Jong Il como o pensamento revolucionário do Presidente e, depois, desenvolvido à nova etapa por Kim Jong Un.

Na obra *Sobre compreender corretamente a originalidade do Kimilsungismo*, de 2 de outubro de 1976, Kim Jong Il diz:

"O Kimilsungismo compreende a ideia Juche e uma teoria revolucionária e um método de direção de longo alcance que evoluíram a partir desta ideia. Portanto, definimos o Kimilsungismo como um sistema baseado na ideia, teoria e método do Juche.

[...]

Com base na Ideia Juche, o Líder deu uma profunda explicação das teorias, estratégias e táticas sobre a libertação nacional, emancipação de classe e libertação da humanidade na nossa era. Assim, pode-se dizer que a teoria revolucionária do Kimilsungismo é uma teoria revolucionária perfeita sobre o comunismo na era do Juche."

E em *Sobre a construção socialista e a política interna e externa do Governo da República na etapa atual*, de 12 de abril de 2019, Kim Jong Un diz:

"A tarefa fundamental que enfrentamos para transformar toda a sociedade segundo as exigências do Kimilsungismo-Kimjongilismo é culminar a causa da construção de uma potência socialista.

[...]

Esta ideia sintetiza os pensamentos e as façanhas do grande Líder Kim Il Sung e do grande Dirigente Kim Jong Il, que transformaram nossa República no Estado socialista mais prestigioso e poderoso de toda a história, e expõe claramente o rumo e as maneiras para culminar a causa socialista com o poder estatal como arma política."

Ou seja, a referida ideologia não tem absolutamente nada a ver com substituir o comunismo, mas, pelo contrário, é uma arma que torna possível alcançá-lo.

Logo em seguida, o artigo introduz que a ideia Juche teria afirmado o fim da contradição antagonista entre as classes e, por conseguinte, a luta de classes como o motor da história, com base na citação do Presidente Kim Il Sung que segue: "Organizar e mobilizar todo o povo na construção de um Estado soberano e independente... sem ser influenciado por teorias estabelecidas ou experiências estrangeiras." E que, segundo ele, o comunismo seria atingido principalmente através do desenvolvimento das forças produtivas, a revolucionarização e transformação de todos os membros da sociedade de acordo com a classe operária e a intelectualização deles, transformando-os em homens de tipo Juche. De acordo com o texto, a primeira afirmação seria um resumo do que é a ideia Juche segundo Kim Il Sung e ambas permitem concluir que ela nega a luta de classes

como motor da história, da mesma maneira que fizera Khrsuchov. No entanto, isso está duplamente errado. O conteúdo da citação, além de raso para falar de um tema profundo, está sendo deslocado de seu emprego original para induzir o leitor à conclusão errônea que o autor deseja. Por “mobilizar todo o povo na construção de um Estado soberano e independente”, o Líder não quer dizer que também a classe exploradora e reacionários são "unidos sob a bandeira comum de defender a pátria", como o escritor coloca, mas refere-se às massas populares, ao povo trabalhador, que se arma com a ideia revolucionária e se organiza sob a direção do partido para construir o socialismo. Além, é claro, de se tratar de um contexto pós-revolução, o que por si só já tornaria absolutamente contraditório tentar incluir os setores reacionários do povo. É desnecessário dizer que, por se tratar de uma frase de pouquíssimas palavras, tentar compreender a totalidade de uma ideia com base nela é pedir para cair no erro, o que leva a pensar que valer-se disso para inferir tal acusação é uma tremenda injustiça. Quanto à segunda colocação, novamente, o autor oculta certos detalhes importantes para a compreensão das palavras do Líder. Em seguida, falar sobre a transformação do homem na sociedade socialista, a revolução ideológica, é falar precisamente da luta de classes que segue após triunfada a revolução, derrubando a classe exploradora e emancipando a classe trabalhadora, e estabelecido o regime socialista.

Em sua obra *Sobre as questões do período de transição do capitalismo para o socialismo e a ditadura do proletariado*, de 25 de maio de 1967, ele afirma o seguinte:

“A luta de classes no estágio da revolução socialista é uma luta para liquidar os capitalistas como classe. A luta de classes na sociedade socialista é uma luta que visa alcançar a unidade e a coesão, não é de modo algum uma luta classista travada pelos membros da sociedade uns com os outros. Na sociedade socialista, a luta de classes é conduzida, com certeza, mas é feita por meio de cooperação com o objetivo de alcançar a unidade e a coesão. Desnecessário será dizer que a revolução ideológica que estamos realizando agora é uma luta de classes; é também uma forma de luta de classes prestar assistência ao campo para imprimir no campesinato os traços da classe operária. [...]” (com algumas correções da edição em espanhol, página 256)

Só por esta citação, já se pode derrubar a afirmação do artigo. A continuação da luta de classes não apenas é afirmada pela ideia Juche como também mais aprofundada e seriamente conduzida.

Ele continua:

“Além disso, sob nosso sistema social, a influência subversiva das forças contrarrevolucionárias se infiltra a partir de fora e os elementos remanescentes das classes de exploradores dominadas se contorcem. Portanto, deve haver a luta de classes para suprimir suas atividades contrarrevolucionárias.

Deste modo, existe na sociedade socialista uma forma de luta de classes que exerce a ditadura sobre os inimigos internos e externos, juntamente com a forma básica de luta de classes para revolucionarizar e remodelar os operários, camponeses e intelectuais trabalhadores, através da cooperação com o objetivo de alcançar a sua unidade e coesão.

Na sociedade socialista, portanto, a luta de classes não desaparece, mas continua como sempre, apenas em diferentes formas.”

Dessa maneira, está totalmente derrubada a afirmação do texto. A luta de classes continua na construção do socialismo e sempre recebeu a devida atenção do Partido do Trabalho da Coreia, que soube dar as soluções corretas para esta questão.

Para fechar, vejamos o que diz Kim Jong Il na página 28 de sua obra *Sobre a ideia Juche*, de 31 de março de 1982:

“Sobretudo o processo de substituição do decadente regime social por outro novo e a emancipação social das massas populares constituem um processo de amarga luta de classes. A revolução começa e termina com a luta. As forças que tentam conservar o regime e a vida decadentes não cedem por si mesmas seus postos. Somente através da luta para eliminá-las será factível criar um novo regime e uma nova vida.”

Em seguida, o artigo afirma: "Juche é o oposto do entendimento Marxista-Leninista-Maoista de classes e luta de classes sob o socialismo, sistematizado durante a Revolução Cultural da China.

A GRCP visava revolucionar a sociedade e avançar em direção ao comunismo por meio da mobilização coletiva das massas na luta de classes; não tinha nada a ver com revolucionar os indivíduos no sentido moral."

Pelo que já foi descrito, pode-se saber que essa colação não corresponde à realidade e tampouco é lógica a comparação entre as duas formas de revolução cultural, na China e na Coreia. A revolução ideológica e cultural levada a cabo na Coreia não tem absolutamente nada a ver com "revolucionar individuos no sentido moral", mas trata-se de um movimento profundo e massivo, através do trabalho de educação ideológica, intercâmbio entre a cidade e o campo, a intelectualização dos operários e camponeses, o armamento de todo o povo com a ideologia revolucionária do Partido, a luta contra velhas ideias, etc. É claro que as duas ocorreram de formas diferentes e com implicações diferentes, de modo que se torna iminente cair em equívoco ao tentar compará-las cegamente, descolando-as de seus contextos, propostas, métodos e resultados. Porém, as duas são comuns, entre outras coisas, em se propor em mobilizar todo o povo, armar-se com a ideia revolucionária de seus líderes para eliminar os remanescentes da velha sociedade, produzindo novos homens e, assim, avançar para o comunismo.

Logo, o artigo diz que "de acordo com Kim Il Sung, 'aprender os membros do partido e outros trabalhadores a desfrutar do trabalho é um importante objetivo' desta revolução (ideológica). Aqui estamos muito longe de como seria a ditadura do proletariado e o exercício concreto do poder pelas massas trabalhadoras." Novamente, emprega-se uma citação muito rasa e praticamente insignificante para tirar uma conclusão significativa sobre esse tema.

Vamos ver o que, de fato, significa a revolução ideológica segundo Kim Il Sung através de sua obra *Aceleremos a construção socialista hasteando a bandeira da ideia Juche*, de 9 de setembro de 1978:

“Equipar toda a sociedade com a ideia Juche é o objetivo final do Governo da República. Este deverá formar todos os membros da sociedade como homens comunistas de tipo Juche e transformar consequentemente toda sociedade segundo os requerimentos desta ideia para conquistar as fortalezas ideológica e material do comunismo.

Equipar toda a sociedade com a ideia Juche é, em sua essência, a luta para realizar plenamente a independências das massas do povo trabalhador. Para isto, é necessário liquidar as sequelas remanescentes da velha sociedade na política, economia, ideologia, cultura e demais esferas da vida social, e transformar por via revolucionária a sociedade em todos os estratos de sua base e superestrutura. Portanto, o Estado da classe operária deve levar a cabo, juntamente com a transformação do sistema social caduco, a revolução nas esferas da ideologia, tecnologia e cultura, para realizar a histórica tarefa de realizar completamente a independência das massas do povo trabalhador.”

Antes de prosseguir, para compreender devidamente esta citação, seria bom saber do que se trata a “independência” da qual fala o Presidente. A independência é um dos 3 atributos essenciais do homem esclarecidos pela ideia Juche, que apresentou como problema fundamental da filosofia a posição e o papel que este desempenha no mundo. Isso, é claro, procedendo do esclarecimento científico dado pelo marxismo ao problema da relação entre a matéria e a consciência. A independência é o atributo que faz com que o homem, diferentemente dos demais seres vivos, viva não subordinado à natureza nem à sociedade, obedecendo-as, mas lutando transformá-las a fim de satisfazer suas demandas, tornado-se dono delas. É o atributo do homem que quer viver e progredir exercendo o papel que lhe corresponde como dono e transformador da natureza e da sociedade, papel este, novamente, determinado graças ao esclarecimento da relação do homem com o mundo. Quando a ideia Juche fala de homem, não está querendo dizer que a força que impulsiona as revoluções são indivíduos particulares, ou que estes dominem o mundo em detrimento dos interesses dos outros, mas dele como parte integrante das massas populares, que são quem aspira à independência. O homem, ser social, tem como demanda intrínseca o coletivismo, só pode viver e se desenvolver nele, ao passo que na sociedade capitalista, que preconiza a ganancia e os interesses individuais a cima dos coletivos, colocando indivíduos contra indivíduos, como na vida selvagem, não apenas não realiza sua independência como também padecede incontáveis infortúnios, adoece

mentalmente e, por vezes, perde a esperança da vida. Portanto, a independência à qual a ideia Juche se refere é, em poucas palavras, o nível de emancipação, soberania, do homem, que vive e se desenvolve coletivamente. Em suma, quanto mais o homem transforma a sociedade e conquista a natureza, através do desenvolvimento das forças produtivas e o avanço das ciências e técnicas, maior é o nível que sua independência alcança. Isso tudo só pode atingir sua plenitude fora da sociedade de classes antagônicas, onde as massas são subjulgadas sócio-politicamente pela classe explorada, tornando, portanto, o socialismo uma demanda ineludível para a realização da independência das massas populares. Antes de retornar à citação do Presidente, vejamos uma de Kim Jong Il em sua obra *Sobre alguns problemas referentes à base ideológica do socialismo*, de 30 de maio de 1990:

"O coletivismo constitui uma demanda do homem para viver com dignidade como membro da coletividade social e uma condição fundamental para fortalecer o poder desta. A força das massas populares, sujeito do movimento social, depende de como manifestam o coletivismo. Se elas não se unem, não podem mostrar seu poder como sujeito da revolução. Um indivíduo pode ser um membro da coletividade, no entanto, não ser o sujeito da revolução que assume e impulsiona o movimento social. O homem pode transformar de maneira apropriada a natureza e a sociedade e realizar com êxito a independência apenas se apoiando na força coletiva e não na força individual. O sujeito poderoso do movimento social são as massas populares unidas com base no coletivismo."

Assim sendo, realizar a independência das massas populares trata-se da sua emancipação em todos os planos: político, econômico, ideológico e cultural, fazendo com que desempenhem seu papel na sociedade e no mundo, o que, conforme disse o Presidente, requer travar uma dinâmica luta classista que continua sob o regime socialista.

Em seguida, o artigo introduz uma queixa que muitos críticos à ideia Juche frequentemente levantam: sobre a remoção do marxismo-leninismo de sua constituição ou outras referências a ele. Se os coreanos simplesmente pararam de dizer que o marxismo-leninismo era a sua ideologia oficial, isto em si não tem nada a ver com "negá-lo", "revisá-lo" ou coisa parecida, mas sim com o legítimo desenvolvimento pelo qual a ideologia revolucionária da classe operária necessariamente deve passar, dado que os tempos mudam e, com ele, apresentam-se novas demandas, exigindo novas respostas adequadas, e que não existe teoria onipotente e completa para todos os países e épocas. Entretanto, engana-se aquele que imagina que afirmar isso trata-se de dar liberdade indiscriminada ao "desenvolvimento" da ideologia, ou seja, negar que exista o revisionismo. É óbvio que ele existe e, desde seu surgimento, os coreanos estiveram bem atentos para que não se infiltrasse, da mesma maneira que o combateram diligentemente.

Nas páginas 39-40 da mesma obra, Kim Jong Il diz:

"Quanto aos erros que alguns países cometeram na construção socialista, a responsabilidade não é assumida pelo marxismo-leninismo e seus criadores, mas pelos partidos dos países que admitiram o dogmatismo e o revisionismo.

Muitos que diziam construir o socialismo tomando o marxismo-leninismo como sua guia diretriz não propuseram uma nova teoria revolucionária de acordo com a mudança nas condições históricas, mas a trataram dogmaticamente. Se alguém aplica dogmaticamente a teoria revolucionária da classe operária acaba, pelo contrário, a prejudicá-la. A atitude dogmática em relação ao marxismo-leninismo permitiu revelar mais suas limitações e não demonstrar adequadamente a superioridade do socialismo. Acima de tudo, devido ao surgimento do revisionismo contemporâneo, o princípio revolucionário da classe operária foi abandonado e sérias consequências foram criadas na construção socialista. Através da política revisionista, os partidos não foram estruturados em alguns países, seu papel reitor foi paralisado, a disciplina e a ordem não foram estabelecidas na sociedade, os inimigos classistas não foram eliminados e a sociedade adoeceu ideologicamente com o vento da liberalização burguesa."

Aqui está uma breve explicação do problema de tratar o marxismo-leninismo de modo dogmático, como receita perfeita e completa para todos os países e épocas. Ao incorrer nessa atitude, inúmeros foram os países que sofreram revéses e, ao fim, culminaram com o colapso do socialismo. O mesmo vale para as revoluções que não triunfaram, aliado à tendência mencionada

inicialmente, de esperar a "ajuda" das potências externas, em vez de ver nas suas massas a força suficiente e se apoiar nelas. É claro que isso não se deve somente a tratar a ideologia revolucionária de um modo dogmático, mas este é um fator central. Por mais que outros fatores, como as manobras dos imperialistas, fossem intensos e obstinados, poderiam ser totalmente frustrados se o partido e o líder na direção fossem perspicazes.

Agora, para concluir a questão, é preciso enfatizar que rechaçar o dogmatismo e a adoração cega à ideologia revolucionária da classe operária não significa liberdade indiscriminada para abrir mão dos princípios revolucionários.

Na página 39, Kim Jong Il diz:

"Não se devem negar os princípios da classe operária do marxismo-leninismo por causa de suas limitações. Suas limitações têm a ver, em todo caso, com as condições da época e com a tarefa histórica. Se devem superar, mas não abandonar os princípios revolucionários da classe operária dos quais está permeado o marxismo-leninismo. Respeitá-los é uma exigência fundamental da causa revolucionária da classe operária para realizar a independência das massas populares. Embora o marxismo-leninismo sofra dessas limitações e não defina o método concreto para a construção do socialismo, se os partidos que o constroem são firmes em aderir a esses princípios revolucionários, podem evitar sua degeneração classista."

Revisar o marxismo-leninismo ou negá-lo não tem qualquer relação com mantê-lo escrito como ideologia oficial numa constituição ou não, mas em como é tratado teórica e praticamente. E como foi visto até agora, a ideia Juche nunca "negou" ou "deturpou" o marxismo-leninismo, mas defendeu seus princípios revolucionários e classistas ao mesmo tempo que alcançou um desenvolvimento independente, levantando novas questões e dando novas respostas a perguntas que ele não pôde responder em seu tempo. As duas são ideias que refletem épocas diferentes, embora sejam comuns no objetivo final e no caráter classista. Como já foi dito, se tanto tempo passou o que, em outras palavras, significa um longo tempo de desenvolvimento, aprofundação e sistematização de novos aportes, qual sentido teria dizer que a ideologia oficial é o marxismo-leninismo? Seria como querer permanecer parado no tempo. Mas como a história mostra, ele não para, e os que insistem em se agarrar ao passado, fechando os olhos para o presente, são atropelados, a exemplo dos muitos países que o trataram cegamente e, inevitavelmente, foram pelo mesmo ralo. Dessa maneira, defender os princípios revolucionários do marxismo-leninismo, manter o objetivo de emancipar as massas trabalhadoras, acabar com a exploração do homem pelo homem e de construir o comunismo, preservar o caráter de ideologia da classe operária e tomá-lo como guia na luta e trampolim até atingir o seu próprio desenvolvimento é precisamente o trajeto que a ideia Juche percorreu.

Antes de partir para próximos pontos, há outra questão polêmica que esta citação do Dirigente levanta: as limitações do marxismo-leninismo. Essa é outra coisa muito usada pelos "anti-revisionistas" para atacar a Coreia Popular e sua ideia guia, então vejamos do que se trata isso.

O artigo insere algumas críticas que encaminham à conclusão de que a ideia Juche seria contrária ao materialismo dialético do marxismo e que seria uma ideia idealista. Entretanto, isso está absolutamente errado. A ideia Juche não apenas não é contrária ao materialismo dialético, como o adere firmemente. Sem aderir a ele, rechaçando o idealismo e a metafísica, seria impossível levantar a questão da posição e do papel que o homem desempenha no mundo e esclarecê-las corretamente. Que o homem desempenha o papel decisivo na transformação do mundo não significa, em hipótese alguma, negar que ele é matéria e possui as suas próprias leis de desenvolvimento, independente do homem. As duas coisas não se colidem, como se uma sobrepujasse a outra. É exatamente ao compreender as leis do desenvolvimento do mundo objetivo que o homem pode transformá-lo segundo sua vontade. Se o homem não tivesse uma compreensão correta do que é o mundo, nunca poderia saber que tem o poder para transformá-lo, caindo no fatalismo de que tudo está nas mãos de um "deus" ou força misteriosa. Portanto, sem o aporte inestimável do materialismo dialético marxista, seria absolutamente impossível chegar levantar tal questão e dar o seu esclarecimento. É um aporte essencial que não é, de maneira nenhuma, negado pelos coreanos.

Na página 106 de *Sobre a ideia Juche*, o Dirigente Kim Jong Il diz:

"A filosofia Marxista levantou como questão fundamental da filosofia as relações entre a matéria e a consciência, o ser e o pensar, sobre a base de demonstrar a primazia da matéria se esclarecia que o mundo é constituído por matéria e que se transforma e evolui por seu movimento. A filosofia Juche levantou como novo problema fundamental da filosofia as relações entre o mundo e o homem, a posição e o papel que este tem no mundo, para elucidar o princípio filosófico de que o homem é dono de tudo e decide tudo, indicando o caminho mais correto para forjar seu destino. [...] Por esta razão, não é correto interpretar que a filosofia Juche desenvolveu a dialética materialista [...]"

Conforme vemos, mexer na dialética materialista nunca foi algo a que os coreanos se quer se proporam a fazer. Mas tomando-o como premissa e base, lançaram a luz sobre outra questão não esclarecida por ele: a posição e o papel do homem no mundo, a relação entre o primeiro e o segundo, o que é um mérito inédito logrado por ela. Como já dito, as duas coisas não conflitam.

Para concluir, o Dirigente enfatiza na página 107:

"A filosofia Juche ter levantado uma nova concepção de mundo não significa negar a dialética materialista. A filosofia Juche a tem como premissa. Seu critério original sobre o mundo – consistente em este ser dominado e transformado pelo homem – não pode ser concebido à margem da compreensão materialista dialética sobre a essência do mundo material objetivo e das leis gerais do seu movimento. Caso se considere o mundo como uma existência misteriosa, tal como pretende o idealismo, não se pode chegar à conclusão de que o homem é capaz de dominá-lo, ou ainda, se vê-lo como algo invariável, como levanta a metafísica, não é possível chegar à conclusão de que o homem pode transformá-lo. O critério original de que o mundo é dominado e transformado pelo homem pode se estabelecer apenas sob a premissa de reconhecer a compreensão dialética materialista sobre o mundo segundo o qual este está constituído por matéria e se transforma e evolui de modo ininterrupto. Ainda que a dialética materialista marxista tenha uma série de limitações e insuficiências, seus princípios fundamentais são científicos. Por isto, a filosofia Juche toma por sua premissa a concepção dialética materialista sobre o mundo."

Logo em seguida, o artigo entra na menção às limitações do materialismo dialético e insere uma citação recortada vinculando-a um significado completamente equivocado que nada tem a ver. Sobre as limitações do materialismo dialético, já pudemos ter uma ideia básica do que se trata, então vamos cimentar melhor isso. A limitação do materialismo marxistar reside em ter tratado mecanicamente o movimento social da mesma maneira que o natural, sem ver que ele possui suas próprias leis peculiares, ademais das materiais. A diferença fundamental entre o movimento social e o natural é que o primeiro possui um sujeito, diferente do segundo. O movimento natural se dá de modo espontâneo e cego, regido por suas próprias leis, enquanto o social surge e avança pelo papel de seu sujeito, que o impulsiona de modo ativo e consciente. A diferença essencial entre ambas surge da compreensão do homem. Como o marxismo não deu um esclarecimento suficiente sobre o homem, nunca poderia ter visto nas massas populares o sujeito do movimento social e, assim, esclarecer que possui suas próprias leis peculiares. Esse é mais um mérito inédito logrado pela ideia Juche.

Nas páginas 109-110, Kim Jong Il diz:

"O movimento social, sendo uma atividade que tem por sujeito as massas populares, possui suas próprias características, diferentes da evolução da natureza. Esta se produz espontaneamente pela interação das matérias que existem objetivamente, mas o movimento social surge e avança pela ação e o papel que exerce seu sujeito com iniciativa. Por isso, sem os princípios da dialética materialista, que elucidam as leis gerais do desenvolvimento do mundo material, se aplicando tal como está à história social, não se esclarece de forma rigorosa a essência da sociedade, tampouco a legitimidade do seu movimento. A principal limitação da concepção materialista da história reside em não esclarecer corretamente as leis próprias do movimento social sem desenvolver seus princípios propriamente em comunidade com a evolução da natureza, que são igualmente materiais."

Depois, o artigo implica que ao afirmar que a história do movimento social é a história do desenvolvimento dos 3 atributos essenciais do homem trata-se de que "as ideias e a consciência dirigem o mundo". Essa é uma ligação tão sem sentido que chega a ser forçada, mas que, novamente, parte de uma compreensão incorreta dos temas abordados anteriormente. Afirmar significa que o avanço do movimento social é o processo no qual se desenvolvem mais os 3 atributos do homem não possui relação alguma com "ideias e consciência dirigirem o mundo". É o homem que, por contar com seus atributos, transforma o mundo para servi-lo. É claro que durante todo o período histório as massas populares não transformaram o mundo à sua vontade. Estiveram oprimidas pela classe exploradora, se vendo obrigadas a fazer apenas a vontade dela. Somente no socialismo, onde alcançam sua independência sócio-política, podem se tornar de fato donas do mundo e de seu destino, ao tomar o poder estatal e os meios de produção, derrubando a classe exploradora e lutando para eliminar os resquícios da velha sociedade. Assim sendo, não faz o mínimo sentido afirmar que a ideia Juche considera que "a ideia e a consciência dirigem o mundo".

Na página 31, o Dirigente Kim Jong Il diz:

“O ser mais poderoso no mundo é o homem, que é o único capaz de transformá-lo. Não é senão o homem quem exige e efetua essa transformação. Valendo-se das leis objetivas, transforma o mundo de modo ativo e conforme as suas necessidades. Somente por suas atividades dinâmicas, o mundo se modifica a seu favor.”

Novamente é preciso enfatizar que dizer que o homem transformar o mundo não significa negar que ele se desenvolve segundo suas próprias leis naturais, mas que o homem, tomando conhecimento delas e por contar com seus atributos, desempenha um papel ativo em sua remodelação para servir à sua vida, por meio de suas ações intencionais e conscientes.

Numa tentativa de enquadrar a ideia do Dirigente em algo "burocrático", o artigo, em seguida, vale-se da afirmação de que “deve-se aceitar a ideologia do Partido como a verdade absoluta, defendê-la com firmeza e mantê-la como uma convicção revolucionária”. A ideologia tomada pelo Partido não é algo criado dentro de um escritório refletindo a vontade de um indíviduo, mas através da prática concreta da revolução e sintetizando as demandas e interesses das massas populares, com a participação ativa destas em todo o processo. Defender de modo intransigente a ideologia revolucionária do partido é um passo fundamental para lograr a unidade e coesão de suas fileiras e impedir que se infiltre nelas elementos espúrios, como o revisionismo, o servilismo, entre outras ideologias nocivas. O que aconteceria, suponhamos, se a direção do partido se voltasse contra o socialismo, contra o povo, indo contra a própria ideologia que dizia seguir? O Partido do Trabalho da Coreia tornou o povo apto a lidar plenamente com uma situação dessa. Atribuindo grande importância a armar todas as suas fileiras e a sociedade com a ideologia revolucionária, é totalmente possível frustrar algo como a tomada de poder por revisionistas ou traidores do socialismo. Se as amplas massas estiverem despertas e equipadas ideologicamente, organizadas e com armas nas mãos para defender a revolução, a sua própria vida, nunca sucederá tal incidente, como nos antigos países socialistas. Portanto, defender a ideologia do Partido nada tem a ver com algo "burocrático", mas, pelo contrário, com um requisito indispensável para o avanço exitoso da causa socialista.

O artigo, depois, entra em algumas ridicularizações com relação à eternalização dos líderes coreanos, que é realmente lamentável vindo de alguém que se diz comunista. A eternalização dos líderes não se trata de uma mera questão simbolica ou de reconhecimento, muito menos de "culto" aos líderes, mas de firme garantia para que a revolução nunca se desvie de seu caminho e propósito.

Na página 3 da obra *Culminemos brilhantemente a causa revolucionária do Juche enaltecendo o grande camarada Kim Jong Il como eterno Secretário-Geral do nosso Partido*, de 6 de abril de 2012, o camarada Kim Jong Un diz:

“As ideias e linhas por ele formuladas servirão sempre como guias reitoras para o nosso Partido e revolução e como bandeira inabalável por sua justeza e vitalidade confirmadas na prática revolucionária. À margem delas, não são concebíveis nem o avanço nem o vitorioso cumprimento de nossa causa revolucionária. Para que a revolução coreana continue por seu caminho de vitórias e

glórias, nosso Partido deve ter o General como seu eterno Secretário-Geral e manter firmemente e cumprir cabalmente suas ideias e diretrizes."

Logo em seguida, cita que, supostamente, os textos do camarada Kim Jong Un falam apenas de patriotismo e unidade, a fim de induzir o leitor a pensar que realmente tenham abandonado o socialismo por, de novo supostamente, não falarem de socialismo. Mais uma vez, valem-se de um único trecho isolado, pequeno, para inferir uma afirmação mil vezes maior e mais categórica.

Para mostrar que o que o autor tenta induzir o leito a pensar não encontra sustentação na realidade, vejamos o que ele diz na página página 19 da mesma obra:

"A batalha para construir um Estado socialista poderoso e próspero é acompanhada por uma séria luta de classes para acabar com os fenômenos hostis e não-socialistas de todo tipo. As organizações partidárias devem guiar os órgãos jurídicos a cumprir sua sagrada missão e dever ao defender resolutamente o regime socialista e as conquistas da revolução e proteger fielmente a vida, as propriedades e a segurança do povo."

E também, o que ele diz na obra *Demonstrem plenamente o poderio da União da Juventude Patriótica Socialista no avanço histórico rumo a um novo triunfo da revolução*, de 29 de abril de 2021:

"Formar fidedignos sucessores e reservas e contar com um destacamento juvenil promissor constitui o primeiro patrimônio e a maior honra de um partido revolucionário, que não podem ser comparados a nada do mundo.

Isto assegura ao nosso Partido e povo superar as provações atuais, passar para uma nova etapa da construção socialista e avançar incessantemente para o comunismo." - página 2

"Nosso Partido e povo desejam que os milhões de filhos da pátria continuem firmemente as tradições de fidelidade e patriotismo dos precursores da revolução e ostentem diante do mundo o espírito e temperamento da juventude coreana no esforço para antecipar o futuro brilhante do socialismo e do comunismo." - página 10

De fato, não é necessário ir muito longe para saber que intenção do autor do texto não se sustenta se confrontada com a realidade, mas tratam-se de más compreensões e meias verdades, em suma. É claro que falar sobre comunismo é uma coisa, trabalhar para que ele se torne realidade é outra. Esse é um tema muito complexo que ainda hoje é objeto de muito debate entre os comunistas. Mas ao estudar as obras dos Líderes coreanos e os documentos históricos do Partido, pode-se saber claramente que ele deu e está dando passos vigorosos em direção a esse objetivo, através dos diversos trabalhos de transformação da sociedade, da economia, da política, da cultura, da ideologia e do homem, a exemplo dos que já foram mencionados aqui anteriormente. Não é em símbolos nem em notas de rodapé que devemos tratar de procurar a resposta para indagações como essas, mas no estudo sério e comprometido de suas obras e na longa prática revolucionária.

Ao final, o artigo faz uma afirmação muito estranha de que a real classe dominante no país é, na realidade, a "burguesia burocrática em torno do Exército e do aparelho de Estado", que "oprime as massas proletárias e camponesas e se beneficia coletivamente da exploração de seu trabalho, sem sequer lhes dar qualquer possibilidade de organização autônoma". Realmente, de todo o artigo, essa foi a afirmação mais disparatada. Essa parece ser a prova mais cabal da falta de compromisso do autor do texto com o tema que tanto quer criticar, desconhecendo a história do Estado, Exército e organizações de massas coreanos e de como os funcionam, para pensar que lá exista uma "burguesia burocrática" que "explore o povo". Antes, o autor afirma que o socialismo não pode ser nada além da ditadura do proletáriado, isto é, o exercício do poder por conselhos controlhados pelas massas proletárias. Porém, o poder também é exercido dessa maneira na Coreia Popular. Os órgãos de nível local e central são ocupados por ninguém além das massas populares coreanas, operários, camponeses, intelectuais, artistas, militares, etc. O mesmo procede no caso do Partido e do Exército. Os que se promovem a cargos altos chegam lá por seus méritos, subindo gradualmente desde as instâncias menores, e são destituidos caso não cumpram suas responsabilidades. Os exemplos são inumeráveis. Para citar um recente, vejamos um trecho da

notícia da reunião ampliada do Bureau Político do Comitê Central do Partido do Trabalho da Coreia, de 28 de fevereiro de 2020:

"[...]foram criticados intensamente os atos prejudiciais ao Partido, em especial o abuso de autoridade, o privilégio, o burocratismo e as irregularidades e corrupção, que foram observados entre os quadros do CC do PTC e funcionários do órgão de formação de quadros partidários, e analisadas severamente sua gravidade e consequências.

Após expor a análise e posição do CC do Partido acerca dos problemas levantados, o Máximo Dirigente Kim Jong Un repreendeu fortemente os referidos atos prejudiciais ao Partido, ao povo e ao socialismo.

'Todos os funcionários e organizações do Partido devem tirar séria lição do presente incidente e esforçar-se para forjar de modo revolucionário e constante a si mesmos e suas entidades e registrar nova virada nos trabalhos partidários', destacou.

O BP do CC do PTC destituiu os vice-presidentes do CC do PTC, Ri Man Gon e Pak Thae Dok.

A reunião aprovou a resolução de dissolver o comitê do Partido na base de formação de quadros partidários onde foram reportadas irregularidades e corrupção e aplicar as penalidades correspondentes."

Não há nenhuma "burguesia" nem "classe burocrática" na RPDC, que é um Estado governado pelas massas populares e para as massas populares, com métodos e estilos de trabalho popular bem estabelecidos, a exemplo do método Chongsanri e do sistema de trabalho Taean, que exigem que os quadros desçam às instâncias inferiores para trabalhar conjuntamente com as camadas mais baixas, ouvir suas queixas e resolvê-las prontamente, mobilizando-as e fazendo o trabalho político com elas.

Vejamos agora as críticas levantadas pelo artigo do hoxhaista Bill Bland: o Partido do Trabalho da Coreia e o revisionismo.

O artigo se inicia tratando de fazer uma confusão confusão entre diplomacia e opinião oficial do Partido e das lideranças. Primeiro, fala de "completa identidade de visões" entre os líderes soviético e coreano com relação a questões referentes ao movimento comunista internacional, e em seguida, o artigo implica que o PTC teria aceitado a liderança Khruschevista do PCUS, dizendo que o PCUS é a vanguarda universalmente reconhecida do movimento comunista mundial. Essas duas coisas são, em poucas palavras, nada mais são do que mera cordialidade diplomática e um fato. Dizer que o PCUS era a vanguarda universalmente reconhecida do movimento comunista mundial não significa dizer que concorda com a linha que está seguindo, mas apontar um fato. Era a liderança número 1 do movimento comunista mundial embora já tivesse entrado no caminho do revisionismo, o que é um fato infeliz. Não é nisso que podemos encontrar a real posição do PTC e suas lideranças com relação ao revisionismo.

Na página 300 do volume 15 de suas *Obras*, de 1 de setembro de 1961, Kim Il Sung diz:

"É preciso impedir a penetração do revisionismo através da luta contra ele.

Há que eliminar estritamente a ilusão com relação ao imperialismo, ilusão que se manifesta nas alegações de que sua existência não é perigosa ou que sua natureza mudou. Enquanto não seja arruinado o imperialismo, não é possível mudar sua natureza agressiva, e enquanto exista o imperialismo não pode desaparecer o perigo da guerra.

[...]

O revisionismo, reflexo da ideologia burguesa, continua sendo o principal perigo no movimento comunista internacional. Os revisionistas contemporâneos manobram para castrar os espírito revolucionário do marxismo-leninismo, paralisar a vontade revolucionária e combativa da classe operária e minar o campo socialista e o movimento comunista internacional desde o interior, e saem à defesa do imperialismo e sua política reacionária.

Sem uma luta resoluta contra o revisionismo e o dogmatismo, não será possível garantir o desenvolvimento dos partidos comunistas e operários em particular, e do movimento comunista internacional em geral, nem a unidade e a coesão de suas fileiras; consequentemente, não será possível levar a cabo com êxito a luta pela paz, pela independência nacional e o socialismo."

Através desses trechos, fica muito mais do que claro e evidente que o PTC jamais fechou os olhos para o revisionismo, nem o deixou se infiltrar, nem tampouco o elogiou; mas o combateu incansavelmente, tanto na teoria quanto na prática.

Logo mais, o artigo insere um suposto elogio de Kim Il Sung a Gorbachov, chamando-o de "convicto marxista-leninista", referenciando um suposto discurso dele no banquete em 24 de outubro de 1986, com base no livro *Política Externa da Coreia do Norte: A Ideologia Juche e o Desafio do Novo Pensamento de Gorbachev*, de Dae Ho Byun. Embora não pude encontrar essa fonte para conferir na íntegra, nem no volume 40 das *Obras* de Kim Il Sung, que compreende o período de maio de 1986 a dezembro de 1987, levarei em consideração.

É preciso reenfatizar que diplomacia e posição político-ideológica oficial são coisas bem diferentes. Sair atacando tudo e todos indiscriminadamente, levando em conta as conjunturas e as condições, seria um ato para lá de estúpido, isolando-se dos aliados, o que se significa tanto expôr-se ao perigo de um conflito com o imperialismo, quanto enfrentar dificuldades nos trabalhos internos, já que não teria com quem realizar qualquer tipo de intercâmbio. A posição internacional mantida pela RPDC é a de negociar com base nos princípios de independência, amizade e benefício mútuo, nenhuma parte interferindo nos negócios internos da outra. Dessa maneira, pôde seguir se relacionando com todos os países socialistas e progressistas independentemente das rixas que tivessem, o que lhe beneficiou muito em seu processo de construção socialista. Por outro lado, a posição do Partido, conforme já dito anteriormente, não deve ser buscada em pequenos engodos diplomáticos, mas nas reuniões importantes do Partido, nas obras de seus Líderes e, por conseguinte, nas medidas práticas tomadas por eles. E assim como já foi exposto, em momento algum se renunciou a luta contra o revisionismo nem se permitiu a sua infiltração. Vamos ver o que diz Kim Il Sung na página 238 do volume 40 de suas *Obras*, de 3 de janeiro de 1987:

“Também os revisionistas contemporâneos, surgidos no seio do movimento comunista internacional, criam muitas dificuldades no caminho da nossa revolução. Argumentando que 'reformam' e 'reestruturam' o socialismo, seguem o caminho do capitalismo e abandonam todos os princípios do internacionalismo. Por isso, é difícil esperar sua colaboração internacionalista na construção socialista. Incluso nos pressionam economicamente porque não seguimos sua errônea política revisionista.”

Aqui é mais claro do que nunca a quem o Líder está se referindo. E mais uma vez fica categoricamente confirmado que não houve nenhum elogio ao revisionismo, nem encobrimento do mesmo, nem espaço para ele em suas fileiras. Daria para colocar aqui um sem número de trechos de obras onde o Líder critica o revisionismo e indica as tarefas para impedir sua infiltração, mas não é o propósito se tornar uma coletânea de citações. Para conhecer a sua posição diante desses e outros fenômenos, basta uma coisa muito simples: **ler**.

Logo depois, o autor diz que em países coloniais a forma de revisonismo é diferente do de países capitalistas desenvolvidos, e menciona o pensamento Mao Zedong e o Kimilsungismo, dizendo que até certo ponto até são revolucionarários refletindo o desejo das burguesias nacionais de realizar a etapa nacional-democrática do processo revolucionário nesses países, mas que interrompem o processo revolucionário antes que ele prossiga para o estágio socialista. Depois, fala das semelhanças do Kimilsungismo com o marxismo-leninismo e, em seguida, das "facetas revisionistas" dele, especificando que são relacionadas ao período de transição para a revolução socialista e à própria revolução socialista, desenvolvendo o que havia dito anteriormente sobre, supostamente, "interromper o processo revolucionário de passar para o estágio socialista". Então, implica que, segundo o Kimilsungismo, a ditadura do proletariado não era necessária na Coreia, tomando como base as citações que seguem: “A democracia que aspiramos é fundamentalmente diferente daquela dos países capitalistas ocidentais, nem é uma cópia servil daquela em um país socialista... a nossa é um novo tipo de democracia mais adequado à realidade da Coreia”. (Kim Il Sung: “Sobre a democracia progressiva”, no volume 1 de *Obras*, p. 257) e
“O estabelecimento do poder da ditadura do proletariado pela força foi seguido como último recurso em alguns países... na parte norte (da Coreia)... isso não era necessário”. (Baik Bong: 'biografia de Kim Il Sung', Volume 2; Beirut; 1973; p. 176).

Contudo, está muito errado. A ditadura do proletariado não foi recusada na Coreia, nem foi impedido o avanço em direção a ela. As duas citações estão descoladas de seus contextos para conduzir a tal conclusão equivocada de que ela teria sido recusada pela Coreia. Na *Palestra dada aos estudantes da Escola Política Operária-Camponesa de Pyongyang* em 3 de outubro de 1945, ele diz o seguinte:

"Algumas pessoas estão afirmando que devemos estabelecer o poder 'soviético' imediatamente. Eles não entendem completamente a situação específica da Coreia.

No passado, os imperialistas japoneses, que ocuparam nosso país por quase meio século, perseguiram uma política colonial bárbara, restringindo severamente o desenvolvimento do capitalismo na Coreia. Portanto, nosso país ainda continua sendo uma sociedade semifeudal. Consideráveis remanescentes do imperialismo japonês e das relações feudais ainda existem em nossa sociedade; as relações feudais de exploração ainda são predominantes, especialmente em nosso campo.

Ao construir uma nova Coreia, temos que levar essa realidade em consideração. Nossas exigências não devem estar abaixo ou acima do nível atual de desenvolvimento histórico na fundação de um Estado. Devemos, em todos os aspectos, estabelecer o objetivo de construir a nação que esteja de acordo com a realidade coreana e conduza corretamente as massas à sua realização."

E nas páginas 416-417 do volume 1 de suas *Obras*, de 17 de novembro de 1945, ele diz:

"Agora, alguns propõem que na Coreia se deve estabelecer uma república burguesa e marchar pelo caminho do capitalismo, e outros alardeam clamando que pela Coreia ter tomado o caminho do socialismo, deve implantar de imediato o Poder da ditadura do proletariado. Tanto aquela como esta são propostas erróneas que confundem o povo mobilizado para a construção do país. Insistir no estabelecimento de uma república burguesa em nosso país é querer converter de novo o nosso povo em escravo colonial dos imperialistas, e a alegação a favor da implantação imediata do Poder da ditadura do proletariado na Coreia é uma sugestão imbecil, pois é o mesmo que querer alimentar com soja um bebê sem dentes. Nós não podemos implantar de maneira alguma um regime capitalista na Coreia liberta nem construir da imediato uma sociedade socialista saltando etapas de desenvolvimento da revolução."

Mais didático, impossível. Conforme explicou o Presidente, o estabelecimento da democracia progressiva era uma etapa indispensável para que a Coreia pudesse se livrar dos remanescentes da colonização japonesa para, depois, implantar de fato o poder socialista.

Logo mais, o artigo implica novamente que uma ditadura do proletariado não teria sido estabelecida baseando na seguinte citação: "Uma República Popular Democrática... deve ser construída através da formação de uma frente unida democrática... que abrace ... até mesmo os capitalistas nacionais". (Kim Il Sung: *Sobre a construção da nova Coreia e a frente unida nacional*, 3 de outubro de 1945)

Novamente, descolando do contexto. Como já fora explanado, a Coreia tinha etapas a seguir, etapa na qual a colaboração com capitalistas nacionais e elementos religiosos seria frutífera, o que não significa que fossem exercer qualquer poder na posterior ditadura do proletariado que se seguiu, como o artigo implica ao citar o trecho "Há quem diga que nosso Poder popular não exerce a ditadura do proletariado por se apoiar na frente unida. Esta é uma visão completamente errada. Hoje, nosso Poder popular é percente à categoria de ditadura do proletariado". (Kim Il Sung: Para a implementação bem-sucedida do primeiro plano quinquenal, em: *Obras*, Volume 12). Como diz o Presidente, o fato de se apoiar numa frente unida não significa que os capitalistas nacionais, elementos religosos e outros tinham qualquer poder nela, mas apenas que serviam ao propósito do partido do restaurar o país e construir o socialismo.

E o trecho continua "É indispensável consolidar ainda mais sua função de ditadura do prolearíado no Norte da Coreia, que se encontra no periodo de transição do capitalismo ao socialismo" – que foi recortado do artigo.

"Embora nossa construção socialista tenha alcançado um grande triunfo, as classes exploradoras não estão totalmente erradicadas no Norte hoje. E mesmo supondo que sejam completamente erradicadas, as ideologias contrárias ao socialismo sobreviverão por muito tempo.

[...] Nossa ditadura do proletariado deve ser ainda mais robustecida para levar a cabo vitoriosamente a revolução socialista no Norte."

Como foi visto até agora, tudo o que o artigo propôs não pôde se sustentar quanto confrontado com a realidade na íntegra. A Coreia não impediu o avanço à ditadura do proletariado, nem a negou, nem permitiu que outras classes além da trabalhadora exercessem o poder dentro dela, mas avançou na construção do socialismo em atenção à sua peculiaridade, não tratando a instauração da ditadura do proletariado como uma "lei" do marxismo-leninismo que foi "violada", o que não convém nem à natureza da própria ideologia.

Em seguida, o texto, novamente tratando os clássicos do marxismo-leninismo como leis intransponíveis e ignorando o contexto coreano ao tentar tratá-lo com base no que foi dito da realidade de outro país, implica que o Kimilsungismo seria revisionista por remodelar os capitalistas nacionais em trabalhadores. É evidente que, desconhecendo o contexto histórico e político coreano, isso pareça algo absurdo, no entanto não foi. Os capitalistas e proprietários de terra pró-japoneses, colaboradores e demais traidores da nação foram impiedosamente expropriados; porém, por outro lado, os capitalistas nacionais, que sofreram tanto quanto o povo trabalhador comum sob o jugo colonial, que aceitaram se unir sob a liderança do Partido no trabalho de restaurar o país do estrago causado pela colonização japonesa foram incorporados a diversas formas de economia cooperativa, que representavam, de fato, a ínfima parte da economia nacional.

Na página 214 do volume 9 de suas *Obras*, ele diz:

"O setor da economia socialista é integrado pela economia estatal e a cooperativista. Hoje, o setor da economia socialista é a força dirigente na parte Norte, mantém especial e absoluto predominio na indústria. Na atualidade, a economia estatal representa por volta de 90% do total da produção industrial do nosso país e a economia cooperativista 7 a 8%."

Em *Fortaleçamos ainda mais o sistema socialista do nosso país*, de 25 de dezembro de 1972, ele diz:

"Os capitalistas nacionais em uma sociedade colonial, semi-feudal, embora inconsistentes, têm algum espírito revolucionário e estão profundamente interessados na revolução anti-imperialista, anti-feudal e democrática. À luz das características desses capitalistas, nós os conquistamos para o lado da revolução e realizamos a luta de libertação nacional e a revolução democrática com sua participação. Desde o início, nossa política em relação aos capitalistas nacionais não era apenas levar a cabo a revolução anti-imperialista, anti-feudal e democrática com eles, mas também levá-los conosco para uma sociedade socialista e comunista. Portanto, não poderíamos expropriar os empresários e comerciantes no estágio da revolução socialista apenas porque os comerciantes e fabricantes capitalistas eram os alvos da revolução. Além disso, não precisávamos expropria-los porque o comércio e a indústria capitalistas foram totalmente destruídos na guerra e os empresários e comerciantes apoiaram a linha de revolução socialista do Partido. Eles não tinham nada, então não pudemos expropria-los."

Esse trecho de seu discurso é muito mais do que didático e elucidativo. É inevitável que tentar analisar uma realidade sob a ótica de outra, tratando as proposições alheias como dogmas invioláveis e onipotentes, descolando o objeto de análise de seu contexto, incorrerá num equívoco grotesco, que deveria ser evitável para um dito marxista-leninista.

É desnecessário dizer que isso de maneira alguma significou dar o poder nas mãos dos tais capitalistas nacionais que colaboraram com a restauração do país. Como no passado, hoje em dia, não há uma única empresa privada na Coreia socialista e nem um único capitalista, apenas as massas trabalhadoras, donas do país.

O artigo expõe as formas de cooperativas implementadas implicando que os capitalistas incorporados nelas tiveram liberdade para fazer o que bem quisessem, em detrimento dos camponeses, mas isso não poderia estar mais longe da realidade.

Na páginas 203-204 do volume 10 de suas *Obras*, de 23 de abril de 1956, o Presidente explica:

"Entre as cooperativas agrícolas ainda existem as que mantêm a propriedade privada dos meios de produção e as de tipo semissocialista, na qual a distribuição da renda se baseia no trabalho

e nos meios de produção contribuídos. No final de fevereiro de 1956, representavam nada mais do que 4% de todas as cooperativas agrícolas, mas em um futuro não muito distante serão integradas ao setor econômico totalmente socialista.

Após a reforma agrária, o número de camponeses ricos foi reduzindo pouco a pouco em nosso campo. Em particular, alguns deles, prejudicados seriamente pela guerra, passaram à condição de camponeses médios ou se tornaram pequenos comerciantes e industriais urbanos. Hoje em dia, os camponeses ricos compõem menos de 0,6% da totalidade das familias camponesas do nosso país e sua base econômica é fraca."

Logo em seguida o artigo entra no tema da liderança, implicando que a concepção coreana deste tema se trata de uma devoção exagerada a individuos, e diz até mesmo se tratar de "culto à personalidade", uma tese avançada por ninguém menos que Nikita Khrushchov. Em primeiro lugar, essa crítica parte da compreensão equivocada da concepção coreana de liderança, considerando o líder como um indíviduo separado das massas populares. O líder surge no curso da luta revolucionária, onde expõe suas capacidades e aptidão e, graças à elas, conquista a confiança das massas que, por sua vez, permite tornar-se seu líder. Esta é a única origem possível para um líder popular, em quem as massas confiam com todo o coração por ver nele a síntese dos seus interesses e aspirações e a fonte de direção correta. Do contrário, um "líder" que tente se impôr por diretivas e ordens contrárias aos interesses das massas, em vez de adentrar no meio delas para mobilizá-las e ouvi-las, não é nada além de um burocrata ocupando cargos poder. Nesse sentido, os coreanos não veem seus líderes como meros indivíduos que apenas ocupam cargos altos sem qualquer relação consigo, mas como camaradas que combateram lado a lado por um mesmo propósito, unindo-se firmemente com um interesse. O líder é o centro da unidade e coesão das massas. É um fato bem sabido por todos que sem unidade não pode haver vitória e avanço. Sem um centro, formam-se frações, reina a indisciplina e, por fim, um partido termina destruido e uma revolução, fracassada. Dessa maneira, os coreanos nunca enfatizaram a "lealdade a indivíduos", mas a lealdade à revolução, que significa os interesses das próprias massas populares. É uma lealdade voluntária, fundamentada na confiança e afeto recíprocos entre liderança e povo. Por este motivo, é incorreta a colocação do artigo com relação à concepção de liderança coreana.

Ao entrar incluso no tema de "culto à personalidade" para criticar a experiência coreana, mencionando biografias e outros elogios à liderança, o artigo acaba por cair em uma contradição. É bem sabido que a mesma coisa apontada pelo artigo como "culto à personalidade" teve lugar em todos os outros países socialistas, incluindo a URSS e a Albânia. Dessa maneira, se o autor pretende criticar como "reivisionista" a Coreia socialista valendo-se disso, estará criticando a própria experiência que defende com unhas e dentes como auge do socialismo e bastião do marxismo-leninismo. A noção de "culto à personalidade", tese de Khrushchov, só pode partir de uma concepção extramemente errônea das lideranças populares, o que é esperado dos anticomunistas, que as considera "ditadores" que se impõem sobre o povo promovendo um "culto" de algo que ele não são na realidade, o que, conforme já fora explanado, não corresponde à realidade.

O artigo, então, entra no tema do Juche e do marxismo-leninismo, que já foi falado anteriormente, e introduz a questão de investimentos estrangeiros, joint-ventures e ZEEs.

A autoconfiança nunca foi concebida como "autarquia" e isso seria impossível para um país com poucas reservas de petróleo como a RPDC. As joint-ventures criadas desde 1984 foram gerenciadas principalmente por membros da Chongryon (Associação Geral de Coreanos Residentes no Japão) para organizar intercâmbios entre a RPDC e o Japão, contornando as sanções. Após a queda do mercado socialista, zonas econômicas especiais de nível local e submissas às leis foram estabelecidas para obter a moeda forte necessária para pagar os itens de importação e obter acesso à tecnologia avançada contra o bloqueio imperialista e, em seguida, usar a engenharia reversa.

Mas tais zonas nunca tiveram um papel essencial na economia do país e Kim Il Sung se diferenciou da China e do Vietnã na questão ao afirmar, na página 280 do volume 40 de suas *Obras*:

"Atualmente, alguns países estão seguindo uma política de abrir as portas, argumentando que é indispensável para desenvolver a economia; desde já, abrir as portas do país não pode ser considerado algo ruim. Tampouco devemos fechá-las quanto às relações econômicas com países

estrangeiros. Embora não falemos agora sobre abertura das portas, temos muito intercâmbio econômico e técnico com países capitalistas. Isso significa abrir as portas. Não devemos introduzir capital estrangeiro aleatoriamente ao estabelecer relações econômicas com os países capitalistas. É possível que assim a economia se desenvolva um pouco devagar, mas como a desenvolvemos com nossa forças, podemos lançar uma sólida base da economia nacional independente e promovê-la em condições estáveis, sem sofrer por quaisquer flutuação econômica mundial."

Ele explicou ainda que as joint-ventures não deveriam adotar métodos capitalistas, uma vez que a gestão empresarial está firmemente nas mãos da RPDC, nenhum ativo estatal é vendido a capitalistas estrangeiros e o país e seus trabalhadores ganham mais riqueza com tal cooperação econômica, afirmando, na página 15 do volume 44 de suas *Obras*: "Para desenvolver a economia do país, é indispensável fomentar o comércio, joint ventures e colaboração com outros países. Mas isto não deve ser motivo para que nossos funcionários pensem em administrar a economia com métodos capitalistas. Introduzir estes métodos no campo econômico significa seguir o caminho da ruína.

O objetivo principal ao realizar joint ventures e colaboração com outros países é fazer uso de sua tecnologia e recursos. Portanto, devemos buscar joint ventures e colaboração de modo que outros países forneçam tecnologia e fundos e realizemos a gestão empresarial com o princípio de que obtenhamos o maior lucro possível."

Sobre a ideia Juche e o marxismo-leninismo e a acusação de que ela seria "idealista" já falamos anteriormente, mas o artigo insiste em que a ideia Juche, por dizer que o homem não vive subordinado à natureza como os demais seres vivos, seria preconizar a "primazia do espírito", o que é um erro absurdo. Ao falar que o homem não vive subordinado à natureza, não significa que as leis dela não ajam sobre ele, mas que ele pode transformar suas condições ao conhecê-las. O animal limita-se a viver de acordo com o que o ambiente lhe oferece, ou se mudar para outro ambiente para procurar condições para sua vida. Ou seja, vive sujeito às condições dadas, da mesma maneira que é vítima do movimento cego da natureza, que, por vezes, prejudica a sua vida. O homem, ao contrário, transforma seu ambiente para evitar os estragos que os desastres do movimento natural cego lhe pode causar e também cria as condições necessárias para sua vida, o que só pode ser possível graças ao seu conhecimento técnico-científico e dessas leis. Ou seja, não existe contradição ou negação alguma do materialismo como os dois lados tanto insistem. É claro que na sociedade os fatores materiais e econômicos excercem um grande papel sobre o homem. Entretanto, não são eles que avançam o movimento sócio-histórico, mas seu sujeito, as massas populares.

Na página 8 da obra *O socialismo é uma ciência*, Kim Jong Il diz:

"Evidentemente, na luta revolucionária, as condições objetivas exercem influências importantes. Porém, o fator que decide o triunfo ou o fracasso de uma revolução não reside nestas, mas em como se fortalece seu sujeito e se eleva seu papel. Ao cumprir com êxito esta tarefa é possível alcançar a vitória do socialismo em qualquer país, não importando se o capitalismo esteja ou não desenvolvido ali. A história mostra que o socialismo triunfou nos países relativamente atrasados antes do que nos capitalistas desenvolvidos. As experiências da nossa revolução, que avançou sob a bandeira da ideia Juche, oferecem provas confiáveis de que se fortalecermos o sujeito da revolução e elevarmos seu papel, não só é possível aproveitar corretamente as condições objetivas dadas, como também convertê-las de desfavoráveis em favoráveis, as conjunturas negativas em positivas, o mal em bem, e, assim, assegurar a vitória da revolução."

O que ele diz nesta citação é nada além da verdade comprovada ao longo de toda a prática revolucionária. Apoiando-se no inesgotável poderio das massas populares, e fomentando-o, é possível atravessar qualquer situação adversa e registrar milagres na revolução e na construção, coisa que não tem nada a ver com negar o desempenho das leis materiais no mundo.

O artigo, em seguida, acusa o Kimilsungismo de cair em "idealismo" com base em uma citação do Dirigente Kim Jong Il sobre as massas populares, de que o que decide se alguém é parte delas não é sua posição classista, mas a ideologia que tem, implicando que isto seria uma "negação da definição objetiva da sociedade em classes". Porém, novamente, trata-se de uma manipulação para induzir o leitor, que talvez não tenha conhecimento das obras de Kim Jong Il, a achar que

realmente tenham abrido mão do conceito classista para abraçar um "novo". No entanto, na mesma obra, o Dirigente afirma o seguinte na página 19:

"Na sociedade de classes o termo massas populares se reveste de um caráter classista. Nesta, segundo possuam ou não os meios de produção e o poder estatal, se dividem em classes exploradoras e exploradas, em dominantes e dominadas. As classes exploradas e submetidas são as principais integrantes das massas populares. A composição classista destas não é imutável, mas muda no processo de desenvolvimento social e da história. Na sociedade capitalista, as compõe não somente os operários e os camponeses, mas também os trabalhadores intelectuais e outras classes e setores que lutam para defender sua independência. Na socialista, as integram todos os setores e as camadas, transformados em trabalhadores socialistas. Evidentemente, também nesta sociedade segue atuando uma ínfima minoria de elementos hostis e nas fileiras revolucionárias podem surgir traidores. Por isto, é necessário distinguir acertadamente as massas populares dos elementos negativos.

O termo massas populares reflete relações sócio-classistas, mas não é uma simples concepção classista. Originalmente, a estas conformam diversas classes e setores. Para distinguir seus integrantes dos que não o são se deve levar em conta sua situação sócio-classista, mas não há que absolutizá-la. A ideologia e ação do homem não somente são suscetíveis à influência desta situação. Se recebe influências revolucionárias e assimila ideias avançadas, pode servir às massas populares, independentemente de sua situação sócio-classista."

O que o Dirigente diz neste trexo é nada além da verdade mais concreta. É óbvio que a situação sócio-classica do individuo desempenha um grande papel na definição de se é uma força progressista ou reacionária, no entanto, ela não é absoluta, e isso prode ser provado rapidamente mencionando alguns nomes do movimento comunista: Zhou Enlai, Nikita Khrushchov e Friedrich Engels. O primeiro e o último foram grandes revolucionários que dedicaram toda a sua vida à causa do socialismo, enquanto o segundo foi um sujo traídor que encaminhou o primeiro Estado socialista à ruína. Porém, a vida e os feitos dessas figuras são totalmente contrastantes com suas origens sócio-classistas. Zhou Enlai provinha da elite da dinastia Qing, enquanto Nikita era de origem operária e Engels, de origem burguesa. Isso demonstra muito didaticamente que o papel que um indivíduo desempenha na luta revolucionária não é absolutamente determinado pela origem sócio-classista de que procede, mas de sua ideologia, se se arma com a ideologia comunista, organiza-se no partido revolucionário e faz aportes reais para a causa socialista. É precisamente sobre isso que se trata a citação do Dirigente usada pelo artigo para implicar equivocadamente que "abandona o conceito classista e cai no idealismo".

Em seguida, o artigo infere uma conclusão completamente sem nexo com a frase do Dirigente que cita. A citação utilizada não se trata de, novamente, "rejeitar" o princípio marxista-leninista que é tratado como um dogma pelo artigo, mas sobre que esta ideologia precedente não prestou atenção a outro fator importante, além do material: o fortalecimento do sujeito da revolução e o aumento de seu papel. Apenas transformar a economia não é o suficiente para fazer avançar e desenvolver um país socialista em direção ao comunismo. Muita atenção é necessária, também, ao trabalho com as pessoas, já que são estas quem fazem a revolução, impulsionam o movimento sócio-histórico, operam as máquinas, e assim por diante. Desprezar este trabalho é, no longo prazo, nada mais nada menos do que cavar a cova do socialismo. Se os homens não estiverem preparados ideologicamente, na primeira dificuldade pensarão em abandonar o caminho do socialismo, que é sabidamente muito árduo, para abraçar a "liberdade" e a "prosperidade" do capitalismo, o que é uma verdade evidenciada pela história em várias ocasiões.

Depois, o artigo diz que o Kimilsungismo vai contra o princípio marxista de que o incentivo material, de pagar de acordo com o produzido, é importante no início. Porém, mais uma vez, distorce completamente a citação do Dirigente Kim Jong Il, uma distorção que qualquer um ao ler perceberia. O Dirigente não nega a importância do incentivo material; mas critica que dar a ênfase principal nele é errado. Porque se assim for, os trabalhadores se esforçarão não de modo consciente, sabendo que produzem por si mesmos e que o socialismo é o seu regime, que eles próprios estão construindo, mas apenas para ganhar dinheiro, o que não difereria em nada de uma sociedade

capitalista. Portanto, embora o incentivo material seja importante e seja sim dado na Coreia socialista, a ênfase principal não é nele, mas no político-moral.

Na página 342 do volume 14 de suas *Obras Escolhidas*, de 10 de setembro de 1997, o Dirigente afirma o seguinte:

"Para administrar bem a economia socialista, é necessário priorizar o estímulo político e moral sem descartar o material. Priorizar o primeiro não deve ser motivo para menosprezar o segundo. Não é aceitável enfatizar apenas o estímulo material ou miná-lo. O problema não é resolvido apenas com a educação. Ao mesmo tempo em que se intensifica a educação ideológica para que os camponeses trabalhem a terra com grande interesse na produção, é necessário estimular seu interesse material para que não deixem nem mesmo suas pequenas terras ociosas."

Depois, critica o Presidente Kim Il Sung sobre sua posição com relação a um "centro" do movimento comunista, uma organização central para regular as regionais espalhadas pelo mundo. Porém, conforme esclarece a citação do Dirigente Kim Jong Il enserida logo em seguida, o problema relacionado à Internacional se refere a como este centro, por vezes, acabou mais prejudicando as atividades de outros partidos do que ajudando, querendo impôr diretrizes que não cabiam em suas realidades e demandas. A própria Coreia é um exemplo disso, tanto durante a luta armada anti-japonesa quanto posteriormente durante a construção socialista. Se Kim Il Sung não tivesse mantido uma linha independente durante a revolução, apenas acatando diretivas da Internacional, é fato que a luta teria fracassado terrivelmente.

Ao finalizar o artigo diz que "o Kimilsungismo ou Juche é em si um tipo de revisionismo elaborado para servir aos interesses da classe capitalista de um país de tipo colonial como a Coreia". Novamente, pergunto-me seriamente aonde estão estes capitalistas de que os dois lados tanto falam na hora de acusar a Coreia. Estariam eles próprios estão indo contra seus dogmas na definição de "capitalista"? É um mistério.

A POLÍTICA SONGUN

Da mesma maneira que a ideia Juche, a política Songun não poderia ficar de fora dos estranhos ataques feitos por alguns ditos marxistas-leninistas contra a Coreia Popular. A política Songun é a materialização na política da ideia Songun, que esclarece a importância das armas para a conquista e a manutenção da independência, ou seja, para realizar e levar adiante a revolução, determinando o seu papel nela. Em outras palavras, assinala a importância e o papel que o exército revolucionário desempenha no triunfo e no avanço da revolução, dando a devida importância aos assuntos militares e situando seus soldados na vanguarda da mesma. Trata-se de um reflexo justo e preciso das demandas dos nossos tempos, onde não cessam as maquinações imperialistas para reprimir qualquer luta popular e, mais ainda, fazer frustrar qualquer dissidência de seu sistema de subordinação e dominação, em especial, é claro, o socialismo, onde se põe a baixo definitivamente o sistema da exploração do homem pelo homem.

Fazendo uma análise histórica do processo revolucionário e construtivo coreano, o Dirigente Kim Jong Il destaca o Exército Popular como força principal, como núcleo, da revolução. E aqui nascem a maioria das críticas a esta ideia e política. No entanto, como já é de rotina, trata-se de uma distorção absurda encaminhada a conduzir o leitor – com pouco ou nenhum conhecimento sobre o tema – a uma conclusão que, embora pareça razoável, é completamente equivocada. A maioria das críticas toma como partida a seguinte citação do General Kim Jong Il: "Ao aplicar a política Songun, nosso Partido definiu como força principal da revolução não a classe operária, mas o Exército Popular, partindo de um novo critério e um novo conceito sobre a questão da força principal da revolução e o papel que cumpre o exército revolucionário no processo revolucionário e construtivo." de sua obra *A linha revolucionária do Songun é uma grande linha da nossa época e bandeira sempre vitoriosa da nossa revolução*.

Tomemos como base o artigo Por que não existem países socialistas atualmente, que diz o seguinte: "Para os nossos doutos revisionistas, pouco importa que a história escrita tenha sido a história da luta de classes, porque agora uma corporação é capaz de ser a força motriz da história, independente de todo o resto por trás. O fuzil é onipotente e vem da geração espontânea. É um Deus!" Segundo o artigo, de acordo com os coreanos, a história é não a luta das massas populares, mas a história de uma corporação. Mas isso está ridiculamente equivocado. A ideia e política Songun nunca afirmaram que o exército é a força motriz da história, isso é um disparate absurdo. A força motriz da história e o sujeito do movimento sócio-histórico é a massas populares. Isso é um princípio básico estabelecido e enfatizado pela ideia Juche inúmeras vezes. E ainda, implica que tudo se resume à corporação, magicamente. Outro disparate. Na página 8 da mesma obra, o Dirigente Kim Jong Il especifica:

"Não é por participar da revolução ou pertencer a um país socialista que um exército pode possuir traços e qualidades como forças armadas revolucionárias e se tornar a força principal da revolução. Seja a classe operária ou o exército, deve se conscientizar e se organizar sob a direção do partido revolucionário para ser uma classe operária revolucionária ou forças armadas revolucionárias e desempenhar um papel importante na revolução."

Aqui fica muito nítido o quão desconexa a afirmação do artigo é. O exército não foi designado de tal maneira por Kim Jong Il em sua obra apenas por ser um exército, uma corporação militar. Mas exatamente por, conforme ele explica nesse trecho e ao longo da obra, possuir traços político-ideológicos distintos, que se formaram e desenvolveram ao longo das décadas de luta, defesa e avanço da revolução, como genuíno exército popular e revolucionário integrado por operários e camponeses que se organizaram, conscientizaram e muniram de ideologia sob a direção do Partido.

Designar o Exército Popular como força principal não significa negar o papel das masssas trabalhadoras na revolução. Como já foi dito, é um princípio fundamental da ideia Juche que as massas populares são o sujeito do movimento sócio-histórico e da revolução, a força que as impulsiona. O Exército entra, ao contrário do que aptece aos críticos pensar, exatamente como um fator para fortalecê-las. Kim Jong Il explica:

"A questão da força principal da revolução constitui um dos problemas fundamentais que se apresentam no desenvolvimento do movimento revolucionário **através do fortalecimento de seu sujeito e o aumento da importância do papel que este desempenha**. Que classe, camada ou coletivo da sociedade pode ser a força principal da revolução depende da posição e do papel que desempenham no processo revolucionário e construtivo, assim como de seu espírito revolucionário, organizativo e capacidade combativa."

Em vista das características peculiares, da posição e do papel que desempenha o Exército Popular na revolução coreana, Kim Jong Il, corretamente, o definiu como a força principal, como núcleo, para fortalecer o sujeito da revolução, isto é, as massas populares e impulsionar com mais vigor a revolução, ao mesmo tempo que consolidar a capacidade defensiva. Mas o que significa "colocar o Exército no centro, como núcleo, para fortalecer o sujeito da revolução"? Na página 1 ele explica:

"O Exército é o destacamento medular e a força principal da revolução e seu fortalecimento é a tarefa principal. A característica essencial dela (da política Songun) reside na defesa da segurança da Pátria e das conquistas da revolução através do fortalecimento do Exército Popular como invencíveis forças armadas revolucionárias, **constituir solidamente o sujeito da revolução, tendo o Exército como centro, como sua força principal**, e realizar todos os trabalhos da construção socialista com ímpeto revolucionário e combativo (dos militares)."

E na página 10:

"O espírito revolucionário dos militares do Exército Popular simboliza e representa a grande era do Songun e serve de arma ideológico-espiritual, revolucionária e combativa para criar milagres e proezas na revolução e na construção. Na era do Songun, também a **classe operária deve ser dotada com este espírito para cumprir seu dever e missão de classe**, e os **demais trabalhadores** devem assumi-lo para manter e fazer brilhar mais a **sua honra como donos do Estado e da**

sociedade, como trabalhadores socialistas. Quando todo o Exército e o povo, unidos monoliticamente em torno do Partido, viverem e lutarem com o espírito revolucionário e o estilo de ação do militar, não haverá neste mundo inimigos que possam rivalizar conosco nem haverá fortaleza que não possamos conquistar."

Ou seja, colocar o Exército Popular na vanguarda da revolução, como núcleo em torno do qual se aglutinam as massas trabalhadoras para aprender de seu espírito revolucionário, organizativo e combativo significa exatamente uma forma de constituir mais solidamente o sujeito da revolução – as massas populares – e fazê-las melhor desempenhar a sua missão e papel como donas da sociedade e da revolução e sujeito do movimento sócio-histórico, ao mesmo tempo que, ao colocá-lo à frente tanto da construção socialista quanto da defesa nacional, fazer avançar impetuosa e seguramente a revolução, o que constitui o fruto brilhante e a confirmação cabal da justeza e vitalidade dessa política, reflexo da grande perspicácia do Dirigente Kim Jong Il.

CONCLUSÕES

Concluindo este singelo artigo, que desejo que sirva de ponto de partida para uma melhor compreensão do socialismo coreano, expondo os principais equívocos e calúnias contra ele, quero apenas pedir que leiam mais dos coreanos, que tem inestimáveis contribuições e experiências para nós que ansiamos pela nossa revolução, evitando cair nas definições simplórias e ataques fajutos como os aqui expostos.

Faço agradecimentos especiais aos camaradas Dr. Dermot Hudson, presidente do Grupo de Estudos da Ideia Juche do Reino Unido e experiente estudioso do país socialista, e Francesco Alarico, delegado regional da Associação de Amizade com a Coreia da Itália, que avaliaram e auxiliaram na produção deste artigo.

Recomendo que visite o Drive do Centro de Estudos da Política Songun do Brasil, que reúne diversos livros e obras da RPDC, e também o blog A Voz do Povo de 1945, já citado aqui anteriormente, que contém também inúmeras obras e artigos em português sobre o país e seu socialismo.

A ideia Juche, por seus aportes e experiências extraordinários, constitui hoje em dia a tocha que ilumina o caminho de luta para a humanidade; assim, estudá-la se apresenta como tarefa irrecusável para todos os comunistas.